



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

Curso de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural

**A DUALIDADE DAS CONSTRUÇÕES NO ZIMBABWE DE MANYIKENI: AS CASAS
DE *DHAKA* E O AMURALHADO DE PEDRA**

Tese apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de
Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural da Universidade Eduardo
Mondlane,

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

Vitalina Filipe Jairosse

Maputo, Março de 2021

**A DUALIDADE DAS CONSTRUÇÕES NO ZIMBABWE DE MANYIKENI: AS CASAS
DE *DHAKA* E O AMURALHADO DE PEDRA**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural pela Universidade Eduardo Mondlane

Por: Vitalina Filipe Jairosse

Departamento de Arqueologia e Antropologia
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisora: Prof^a. Doutora Solange Laura Macamo

O Júri:

O Presidente

O Supervisor

O ponente

Data

____/____/____

DECLARAÇÃO

Declaro que esta tese nunca foi apresentada para outros fins e para a obtenção de qualquer grau e que a mesma constitui o resultado da minha investigação pessoal. Declaro ainda que as fontes indicadas neste texto estão referenciadas.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, em especial ao meu pai, Filipe Jairosse Máquina, aos meus irmãos, Jerónimo Filipe Jairosse, Cacilda da Conceição Filipe Jairosse e Égas de Jesus Filipe Jairosse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela, vida e saúde. À minha família, especialmente, ao meu pai, Filipe Jairosse Máquina; aos meus irmãos, Cacilda da Conceição Filipe Jairosse , Jerónimo Filipe Jairosse e Nataniel Flora Andela Cossa, pelo apoio moral e intelectual para a elaboração deste trabalho, assim como para a conclusão da minha licenciatura na UEM.

Dedico ainda este trabalho aos que me têm dado apoio, directa e indirectamente, para a realização do meu sonho de me licenciar, em especial à minha supervisora, Profa. Doutora Solange Macamo, pela paciência, confiança e disponibilidade, permitindo o desenvolvimento do tema tratado.

À Dra Kátia Filipe, ao Dr. Mussa Raja e ao Dr Décio Muianga, pelo apoio moral.

No contexto da situação complicada devido à pandemia da Covid-19, a supervisora não só ajudou a formular melhor o tema que me interessava, como também encontrou formas alternativas para orientar o meu trabalho, de modo remoto: disponibilizou-me alguma bibliografia, incluindo publicações, textos de apoio e um conjunto de TCEs de outros estudantes que escreveram acerca do tema similar, no âmbito do estudo dos amuralhados do tipo Zimbabwe, em Moçambique.

O meu muito obrigado!

SIGLAS E ACRÓNIMOS

AD- Anno Domini (relativo à nossa era – n.e.) para designar os anos depois do nascimento de Cristo.

DAA - Departamento de Arqueologia e Antropologia

IF- Idade do Ferro

IBAO- Instituto Botânico na África Oriental

TIW- “Triangular Incised Ware” (Loiça Triangular Incisa);

MAE- Ministério da Administração Estatal

UEM -Universidade Eduardo Mondlane

RESUMO

A estação arqueológica de Manyikeni, na Província de Inhambane, no Distrito de Vilankulo é um dos exemplos pioneiros, em Moçambique, com evidências que ilustram algumas semelhanças com outras estações conhecidas da Tradição Zimbabwe, em Moçambique e na nossa região da África Austral.

A construção em pedra (amuralhado Zimbabwe) presente em Manyikeni é a melhor conhecida dentro e fora de Moçambique, por ter sido profundamente estudada e visitada, por delegações nacionais e internacionais. O seu período de ocupação data do II Milénio AD, tendo sido um entreposto comercial interior-costa. A sua função era controlar o comércio a longa distância através do Índico, como Centro regional do Grande Zimbabwe, na actual República do Zimbabwe.

Os estudos efectuados em Manyikeni também possibilitam a compreensão da dualidade da sua construção, através da tipologia da sua arquitectura, no contexto da Tradição Zimbabwe: a casa de habitação de dhaka e o amuralhado de pedra.

Este trabalho faz a reconstituição do modelo de habitação em Manyikeni: as habitações de dhaka e o amuralhado de pedra. Através das fontes etnográficas (do presente), é feita a reconstituição das casas de dhaka, ainda usadas, no campo, um pouco por todo país, onde são apresentadas as técnicas de construção e a matéria-prima usada, para o efeito.

Em relação ao amuralhado de pedra, o estudo baseia-se nos dados arqueológicos (do passado), para interpretar as técnicas de arquitectura, a tipologia de construções e a viabilidade da pedra usada nas proximidades, em relação à geologia, no contexto da planície costeira, em Vilankulo, na Província de Inhambane.

O estudo viabiliza a melhor percepção da dualidade da construção zimbabwe presente em Manyikeni, para reforçar a diferenciação social, em Manyikeni, através de uma abordagem teórica fundada na Arqueologia Comportamental.

Palavras-chave: Manyikeni. *Dhaka*. Amuralhado. Tipo de construção. Diferenciação social. Complexidade.

Índice

A DUALIDADE DAS CONSTRUÇÕES NO ZIMBABWE DE MANYIKENI: AS CASAS DE <i>DHAKA</i> E O AMURALHADO DE PEDRA.....	2
DECLARAÇÃO.....	3
DEDICATÓRIA.....	4
AGRADECIMENTOS.....	5
SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	6
RESUMO.....	7
1. INTRODUÇÃO.....	11
Problematização.....	13
Problema de investigação.....	13
Relevância do tema.....	13
Objectivos.....	14
Geral:.....	14
Específicos:.....	14
Metodologia de pesquisa.....	14
Primeira fase - Revisão de Literatura.....	14
Segunda fase- observação directa no campo etnográfico.....	14
CAPITULO I.....	16
1.1. QUADRO TEÓRICO-CONCEPTUAL.....	16
Amuralhado (Amuralhado Zimbabwe).....	16
Arqueologia comportamental.....	16
Comunidades de Agricultores e Pastores.....	16
Diferenciação social.....	17
<i>Dhaka</i>	17
Estação arqueológica.....	17

Estratificação social.....	18
Hierarquia.....	18
Laca-laca.....	18
Lugar Central.....	18
Periferia.....	18
Tradição.....	19
Zimbabwe (<i>Madzimbahwe</i>).....	19
CAPÍTULO II.....	21
2.1. REVISÃO DA LITERATURA.....	21
2.2. Critérios para a identificação do Lugar Central.....	21
2.3. Historia da Investigação de Manyikeni.....	22
2.4. O período de ocupação de Manyikeni.....	24
2.5. Interpretação da Tradição Zimbabwe.....	25
CAPITULO III.....	26
3.1. DESCRIÇÃO DE MANYIKENI.....	26
3.2. O CONTEXTO FÍSICO-GEOGRÁFICO DO AMURALHADO DE MANYIKENI, DISTRITO DE VILANKULO, NA PROVÍNCIA DE INHAMBANE.....	26
3.2.1. Apresentação da Província de Inhambane.....	26
3.2.2. Localização de Manyikeni.....	27
3.2.3. Clima.....	28
3.2.4. Vegetação.....	28
3.2.5. Descrição de Manyikeni : Arquitectura do amuralhado.....	29
3.3. Interpretação: o amuralhado e as construções de dhaka.....	30
CAPITULO IV.....	34
4.1. OBSERVAÇÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE PALHOTAS OU CASAS DE DHAKA NA PROVÍNCIA DE INHAMBANE.....	34
4.2. A casa circular com cobertura cónica/ palhotas.....	34

4.2.1.	Palhotas.....	35
4.2.2.	Material usado para a construção das casas de <i>Dhaka</i>	36
4.2.3.	Delimitação da casa.....	37
4.2.4.	Estrutura da palhota.....	37
4.2.5.	Forma de construção.....	38
4.2.6.	Diferenciação social e complexidade em Manyikeni: discussão.....	40
	Considerações finais.....	46
	Referências Bibliográficas.....	47

1. INTRODUÇÃO

Os estudos arqueológicos efectuados em Manyikeni (século 1200-1700 AD), um amuralhado do tipo Zimbabwe, localizado relativamente perto da costa, em Moçambique, na Província de Inhambane, no Distrito de Vilankulos revestem-se de grande importância para a compreensão da Tradição Zimbabwe, em Moçambique e na região da África Austral (Sinclair 1987; Macamo 2006).

Em 2014, os arqueólogos identificaram outro amuralhado zimbabwe de Ngomeni, no Distrito de Vilankulo, na Província de Inhambane, que tem alguma semelhança com o de Manyikeni (Macamo et al. no prelo). Esta nova descoberta vai ajudar a aprofundar o conhecimento que se tem da Tradição Zimbabwe em Moçambique, através dos estudos que ainda deverão ser efectuados neste novo amuralhado de Ngomeni. A peculiaridade dos estudos realizados no amuralhado de Manyikeni reside no facto de possibilitar o aprofundamento da sua estrutura arquitectónica dual: a casa de habitação de *dhaka* (designando a palhota maticada de barro) e o amuralhado em si, feito de pedra. Esta dualidade de construção define também o tipo de arquitectura zimbabwe, no geral (Ndoro 2001). O amuralhado diferenciava porque, com base nos estudos espaciais, através da arqueologia comportamental, João Morais e Paul Sinclair comprovaram que a elite vivia no seu interior e os camponeses no seu exterior. (Morais & Sinclair 1980; Macamo & Ekblom 2005).

Neste estudo, a par do amuralhado, pretendo reconstituir a casa de *dhaka*, em Manyikeni, de forma a contribuir para o melhor conhecimento da sua estrutura de construção, tendo como base as fontes etnográficas, que correspondem à realidade actual, verificada particularmente na Província de Inhambane, onde este amuralhado se encontra localizado.

A função dos amuralhados zimbabwe era delimitar a zona onde viviam os chefes, como símbolo de poder e prestígio, cuja origem em Mapungubwe (Hall 1987), tem sido actualmente questionada através de novos resultados da investigação (Chirikure et al 2014). Ao redor dos amuralhados de pedra, assentavam as casas de habitação geralmente feitas de *dhaka* onde viviam pequenos grupos economicamente desfavorecidos, mas também a elite, no interior dos amuralhados. Este aspecto é visto, neste trabalho, como significando a dualidade das construções em Manyikeni.

Ao mesmo tempo, os amuralhados zimbabwe constituem um dos exemplos de Lugares Centrais, em Moçambique, para o controle dos recursos, com grande impacto na hierarquia (Macamo et al

2018). Lugares Centrais esses ligados ao surgimento de poderosas entidades políticas, como pode ter sido o caso de Manyikeni. A hierarquia no uso do espaço e dos recursos dá origem aos primeiros centros urbanos (Beach 1980). Manyikeni, é sem dúvida, um Lugar Central ou Lugar Privilegiado, relacionado com as origens urbanas, em Moçambique (Macamo et al 2018).

Este fenómeno originou também o que se chama “Diferenciação Social”, que é o processo pelo qual as posições sociais são definidas e distinguidas uma das outras, atribuindo-as a cada uma delas um papel ou conjunto de papéis específicos (Daniel 1999 citado por Tamele 2019).

Em Moçambique, em especial em Manyikeni o processo da diferenciação social ou estratificação social é bem representado devido às características notadas em particular no uso do espaço, que reflecte a dualidade da arquitectura do tipo zimbabwe: as casas de dhaka e o amuralhado.

Através das fontes etnográficas e arqueológicas, o presente trabalho tem como objectivo compreender até que ponto a dualidade das construções de Manyikeni (1200-1700 AD) comprovam a diferenciação social durante o segundo milénio AD, tendo em conta os factores geográficos, económicos e também arquitectónicos e como estes influenciaram para a formação do lugar central, através da hierarquização em Manyikeni.

Problematização

Desde os primeiros estudos da arqueologia pré-colonial em Moçambique, sobretudo em Manyikeni, é debatido o tema das construções do seu amuralhado, como pertencente à Tradição Zimbabwe. Esta tradição está também ligada com as origens da diferenciação social, em Moçambique.

Dos estudos notáveis em Manyikeni existem os mais destacados (mais conhecidos), tais como: aspectos ligados aos vestígios faunísticos (por Barker 1978), a diferenciação social (Morais e Sinclair 1980; Sinclair 1987), Manyikeni como um lugar privilegiado (Macamo 2006). Estes estudos foram actualizados por Tamele (2019) no que à diferenciação social diz respeito, como nas relações do género e por Atuia (2019) no sentido da interpretação da heterogeneidade, através da diversificação da sua cerâmica.

No entanto, apesar da reconhecida dualidade das construções Zimbabwe, em relação à dhaka e ao amuralhado de Manyikeni, a sua presença nunca foi alvo de um estudo que permitisse comparar os dois elementos entre si.

Neste sentido, surge a necessidade de conhecer e estudar melhor Manyikeni, usando fontes etnográficas para além das fontes arqueológicas, de modo a melhor compreender a diferenciação social baseada na dupla construção (o amuralhado e as casas de *dhaka*) e a questão do lugar central, em Manyikeni.

Problema de investigação

Em Moçambique, Manyikeni tem sido usado para debater a Tradição Zimbabwe em Moçambique, englobando aspectos da cerâmica, da arquitectura e até certo ponto da sua geografia (Sinclair 1987; Macamo 2006), para interpretações sobre a urbanização, com impacto na diferenciação social (origem dos primeiros estados em Moçambique) Deste modo, como é que a dualidade das construções em Manyikeni pode comprovar a diferenciação social?

Relevância do tema

No decurso do aprendizado da cadeira de *Sociedades Complexas e Surgimento do Urbanismo em Moçambique*, do curso de Arqueologia e Gestão do Património Cultural, nota-se a importância do estudo do surgimento de construções diferenciadas: os amuralhados associados ao poder e à hierarquia social. Este estudo **“A Dualidade das Construções de Manyikeni: casas de Dhaka**

e o amuralhado de Pedra”, gera contextos favoráveis de forma a preencher lacunas sobre a arqueologia pré-colonial, na estação arqueológica de Manyikeni, sobretudo a complexidade destas construções e o comportamento dos seus ocupantes de forma a poder-se ampliar o conhecimento sobre a dupla construção de Manyikeni.

Objectivos

Geral:

- Compreender até que ponto a dualidade das construções de Manyikeni pode comprovar a diferenciação social e a complexidade, no contexto da urbanização.

Específicos:

- Interpretar o potencial arqueológico de Manyikeni, através das pesquisas nela efectuadas;
- Descrever o contexto físico e geográfico da estação arqueológica de Manyikeni;
- Descrever a estrutura do amuralhado em Manyikeni;
- Analisar modelos etnográficos para a reconstituição das casas de dhaka, em Manyikeni;

Metodologia de pesquisa

Para a realização do presente trabalho e para o alcance de melhores resultados sobre a dualidade das construções de Manyikeni serão seguidos os seguintes passos ou fases:

Primeira fase - Revisão de Literatura

Para tal foram usadas obras literárias dispostas na **Biblioteca Central Brazão Mazula** e na Biblioteca do **Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA)**. Da mesma forma, foram usados conteúdos dispostos na internet (mapas, imagens).

Contudo, devido à situação da pandemia causada pelo vírus da Covid-19, que também implicou o distanciamento social. desde Março de 2020 até recentemente, altura em que se realizou grande parte deste estudo, algum material foi-me sendo cedido remotamente, pela supervisora, incluindo publicações on line, cópias de TCE dos outros estudantes que realizaram estudos similares ao meu, assim como textos de apoio.

Segunda fase- observação directa no campo etnográfico

O trabalho foi feito de modo a colectar dados primários de como são construídas as casas de *dhaka*. No Museu Regional de Inhambane foi feita uma observação nas casas de *dhaka* ordenadas no recinto para o estudo do contexto etnográfico de Inhambane. Foram também feitas entrevistas semi-estruturadas, na cidade de Inhambane, para melhor informação sobre o assunto.

Terceira fase- interpretação

Foi feita a análise e compilação do material colectado no campo, seja por meio de entrevistas formais e/ou informais. Foram feitas interpretações ao nível das estratégias flexíveis de aquisição da matéria-prima, para a reconstituição das formas de construção das casas de *dhaka* em Manyikeni.

CAPITULO I

1.1. QUADRO TEÓRICO-CONCEPTUAL

As fontes arqueológicas ajudaram a perceber o que é a Tradição Zimbabwe, em Moçambique, particularmente no que diz respeito ao amuralhado, em Manyikeni, conforme tenho vindo a referir. Contudo, as formas de construção das casas de habitação de dhaka, requerem o aprofundamento de mais conceitos para melhor percepção da dualidade das construções Zimbabwe, em Manyikeni, que são apresentados neste capítulo. De entre os conceitos mais discutidos no presente trabalho constam os seguintes:

Amuralhado (Amuralhado Zimbabwe)

Para Paula Meneses o amuralhado consiste em estruturas arquitectónicas maciças construídas em pedras ou tijolos (geralmente sem argamassa a uni-las) e que surgem a partir do início do processo de sedentarização para proteger as localidades de possíveis ataques, bem como para delimitar a zona onde viviam os chefes (Meneses 2002: 9). Contudo, no caso dos amuralhados do tipo Zimbabwe, aqui em análise, estas estruturas surgem no início do II milénio AD, como um fenómeno de urbanização, com uma função unicamente de prestígio dos seus habitantes (Hall 1987, citando Garlake 1971), como é o caso de Manyikeni. Porém, entre os séculos XV-XVII assiste-se no Vale do Zambeze, em Moçambique e no Zimbabwe, ao aparecimento de amuralhados defensivos, do estilo *fortificação* (Macamo 2003).

Arqueologia comportamental

É um método de pesquisa arqueológica que “assenta essencialmente na interpretação dos achados de acordo com a área dos seus ocupantes e por consequência na definição do estatuto social dos diferentes grupos de pessoas”, num sistema hierárquico e de prestígio social (Macamo e Ekblom 2005: 130).

Comunidades de Agricultores e Pastores

É uma designação usada pelos arqueólogos na África Austral em substituição da “Idade do Ferro”. Os arqueólogos dividem estas comunidades entre o período inicial e tardio das Comunidades de Agricultores e Pastores. De salientar que estes períodos correspondem ao primeiro e segundo milénio A.D., respectivamente. Todavia, estes são termos cronológicos no

sentido restrito. Referem-se também a unidades arqueológicas com certos estilos de cerâmica e tipos de economia (Macamo 2003:27).

Complexidade- De acordo com Solange Macamo (2012, citando Smith 1972), a complexidade relaciona-se com factores culturais, sociais, económicas ou mesmo tecnológicas. O facto é que há acumulação de recursos, materiais e imateriais, que as pessoas herdaram, usam, adicionam e transmitem.

Assim, a complexidade é um *continuum* cultural, em que a simplicidade vai ficando reduzida com a organização social. Portanto, a complexidade está relacionada com a urbanização, em que o grau de mobilidade e de heterogeneidade vai aumentando, em relação ao que seria de esperar numa zona rural. Por exemplo, no Grande Zimbabwe, as casas de dhaka foram construídas antes dos amuralhados (Hall 1987 citado por Macamo 2009) e com estes gerou-se a complexidade (Macamo comunicação pessoal 2020).

Diferenciação social

É um dos elementos da estratificação social. É o processo pelo qual as posições sociais são definidas e distinguidas uma das outras atribuindo-se a cada uma delas um papel ou um conjunto de papéis específicos (Daniel 1999:11). O mesmo que heterogeneidade - a “qualidade ou carácter do que é heterogéneo”; o que “é formado de partes de natureza ou espécie diferente,” de acordo com o Dicionário da língua portuguesa (citado por Macamo 2020).

Dhaka

Termo de origem Nguni, que significa “*argila dura*”. A sua função é de barrear ou maticar soalhos e paredes de certas construções como a maioria das palhotas em Moçambique, em especial a casa Shona de arquitectura tradicional (Macamo 2003:31). Este termo é vulgarmente utilizado dentro do estudo da arquitectura dos Zimbábwés (Adamowicz 1987), como Manyikeni.

Estação arqueológica

Qualquer local onde se encontrem vestígios evidentes de antigas actividades humanas. Podem ser encontradas estações arqueológicas de superfície (geralmente estações situadas a céu-aberto (*ao ar livre*), ao contrário das que se encontram situadas nas grutas ou abrigos rochosos. Caracterizam-se pela distribuição superficial do material ou com estratigrafia (disposição do material por horizontes arqueológicos distintos). As estações arqueológicas situam-se a *céu-aberto*, em *grutas* ou abrigos rochosos ou ainda em águas de mares, lagos (Meneses 2002).

Estratificação social

É um mecanismo que consiste em analisar, interpretar e classificar os grupos de indivíduos, com base nos dados e condições socioeconómicas comuns. Certamente que todas as sociedades apresentam ou apresentaram sempre uma estratificação social (Lemos 2012:116). Contudo, em Moçambique concretamente na primeira metade do II Milénio AD, a estratificação social caracterizou-se em forma de muralhas, ou posições privilegiadas, em termos de localização geográfica, para fácil acesso aos recursos naturais como Manyikeni (relativamente perto da costa, para o comércio a longa distância) (Macamo 2006).

Hierarquia

É a distribuição ordenada dos poderes com subordinação sucessiva de uns aos outros. É uma série contínua de graus ou escalões, em ordem crescente ou decrescente, podendo – se estabelecer tanto uma hierarquia social, uma hierarquia urbana, militar, eclesiástica etc. (Fernandes 2002:26). Em Manyikeni foi estudada a hierarquia social baseada na arqueologia comportamental (Macamo & Ekblom 2005; Tamele 2019).

Laca-laca

Material de construção que consiste em vergas atadas com que se fazem as casas, principalmente na zona costeira do Norte de Moçambique e em Sofala. Tem influência Swahili e Portuguesa (Macamo 2003: 42).

Lugar Central

É onde se faz a oferta de bens e serviços, podendo ser pequeno ou grande. Os lugares centrais seriam aqueles mais elevados hierarquicamente, justamente por disporem de maior dotação de bens e serviços da mais alta especificidade (Silva 2012, citando Unimotes sd). Por isso, os lugares centrais são os pontos do espaço nos quais os agentes económicos se dirigem para efectivar as suas demandas específicas, ou seja, o lugar central é um assentamento, estabelecimento, espaço que oferta bens e serviços. Este lugar pode ser pequeno como uma aldeia, vila, povoado ou grandes cidades (Silva 2012 citado por Ernesto 2019: 08).

Periferia

Periferia, originado do grego *periphéreia*, indicava originalmente a linha que define uma circunferência. Passou a ser usada entre as ciências sociais e a geografia, especialmente, no

instante em que o processo de metropolização (processo em que vários centros ou aglomerações populacionais crescem e se integram em torno das áreas urbanas) consolidou-se na segunda metade do século XIX. A partir desse período, o conceito de *periferia* passou também a conotar o sentido político, económico e social. Devido ao seu extenso uso, o termo foi adquirindo vários significados, porém, que não fogem da sua essência original (Domingues 2007).

Segundo Roberto Lobato Corrêa (1986), a periferia define-se pela localização à volta do espaço urbano, ou seja, na área que circunda o espaço urbano, distinguindo-se assim das cidades onde há poder económico, também denominado lugar central, sendo o oposto, a periferia.

Actualmente, a noção de periferia nos remete à urbanização caótica e à inclusão social precária, ou seja, uma área onde ainda não chegaram os serviços urbanos, por isso tem estrutura urbana precária, e nela se instala a população que não pode pagar para ter acesso à uma propriedade em melhores localizações (Singer 1979). Para mais discussão ver também Kátia Ernesto (2019), relativamente à Manyikeni, como Lugar Central.

Tradição

É um *continuum* de mudanças culturais graduais através do tempo, representando o desenvolvimento sequencial de uma dada *cultura* (Macamo 2003b: 67).

É também entendido como hábito, transmitido de pais para filhos abarcando hábitos de manufactura de utensílios e a sua respectiva decoração, de identificação de cada povoamento ao longo do tempo e espaço, podendo-se inferir assim que diferentes tradições podem identificar-se com os respectivos grupos populacionais, com uma homogeneidade específica (Duarte 1988). Mas, a identificação das tradições cerâmicas não deve ser linearmente equiparada com grupos populacionais, visto que “pessoas não são potes” (Macamo 2004)

Zimbabwe (*Madzimbahwe*)

Em Shi-Shona significa "*casa de pedra*" ou ainda na concepção dos outros autores significa “casa do chefe”. (Meneses 2002 :192). Trata-se de estruturas enormes de pedra, sem tecto a cobri-las, formando amuralhados, que tinham como objectivo rodear as casas de habitação de *dkaka*, onde viviam os chefes dos centros populacionais, ou do Lugar Central. Em Moçambique são conhecidos vários Zimbabwes, além de Manyikeni, como Songo, em Tete, e Niamara, em Manica (Macamo 2006). Os amuralhados deste tipo foram datados entre os séculos XI e XV AD, maioritariamente.

Urbanismo- Segundo Solange Macamo (2011) este conceito é usado para designar um conjunto de qualidades que certos povoamentos vastos e compactos possuem e que em determinado momento representam a continuidade do movimento da população. A urbe, ou cidade também designa uma povoação de primeira categoria.

Feito o levantamento dos principais conceitos usados neste trabalho, no capítulo seguinte pretendo analisar a bibliografia usada, com o objectivo de perceber a dualidade das construções em Manyikeni.

CAPÍTULO II

2.1. REVISÃO DA LITERATURA

O presente capítulo faz o enquadramento sobre a dualidade das construções de Manyikeni, com base nos dados arqueológicos, destacando-se os critérios para a formação do lugar central, a história da investigação e a interpretação da Tradição Zimbabwe em Manyikeni.

2.2. Critérios para a identificação do Lugar Central

A formação dos Lugares Centrais do I ao II milénio AD na África Austral e Oriental foi um processo complexo (Macamo 2020). Segundo Silva (2012), os lugares centrais são fruto de processos de urbanização e do comércio a longa distância. Este processo é percebido através da localização relativa do lugar e do número de funções económicas dos lugares urbanos que são de diferentes tamanhos em cada região.

Os factores geográficos podem ser considerados para a identificação dos lugares centrais, tal como em Manyikeni, através da sua localização relativamente perto da costa, para a prática do comércio a longa distância (Macamo 2006). Manyikeni apresenta ainda vestígios de objectos de prestígio como as missangas que podem ser associadas ao amuralhado da elite dirigente, para a diferenciação social.

De entre os vários critérios usados para a identificação dos lugares centrais, consta a arquitectura diferenciada. Esta arquitectura consiste no amuralhado da Tradição Zimbabwe, mas também nas casas de dhaka, onde não só vivia a elite, como também os comuns (segundo Solange Macamo, comunicação pessoal 2020), dentro da complexidade.

Tal como o Zimbabwe no Monte Marobsi, os outros amuralhados podem ter obedecido critérios geográficos semelhantes relacionados com a localização nas zonas elevadas, contendo as casas de habitação feitas de *Dhaka* (Bannerman 2012:10).

A localização também pode ser considerada, por favorecer e fortalecer a formação do lugar privilegiado: altitude, rios, onde as elites africanas procuram se estabelecer para a exploração e uso dos recursos (Macamo 2006: 203). Em Manyikeni, o uso destes recursos favoreceu a elite na vertente da produção animal (criação do gado através da introdução da paisagem construída-*Chenrus Ciliares*, que *pode ter sido* -trazido do Botswana) (Macamo 2006, citando Berger 2004). Outros aspectos derivam do uso dos recursos ambientais, como o fabrico de utensílios de uso quotidiano (cerâmica da Tradição Zimbabwe) e a prática da agricultura.

Em várias estações arqueológicas não só em Moçambique assim como no Zimbabwe, os lugares centrais estão localizados geralmente nas planícies costeiras, junto da voz dos rios, com características peculiares: zona com elevada pluviosidade, vegetação abundante com solos húmidos. Estas características permitem o desenvolvimento da agricultura e da criação do gado (Macamo 2009, citando Garlake 1971). Planalto planície

Estes são apenas alguns dos factores para a identificação do lugar central, havendo outros que determinam o modelo de povoamento durante o I e II milénio AD, em Moçambique (Macamo 2006: 86), como em Manyikeni, onde a complexidade das construções envolve o amuralhado e as habitações de *dhaka*.

De referir ainda a existência de menor ou maior numero de amuralhados em cada lugar dependia da abundancia e qualidade do material de construção. Assim sendo, existem outros lugares referenciados com base nos critérios acima mencionados como: Songo, Niamara e Degue-Mufa (Macamo 2011:1), sendo, contudo, o foco deste estudo a estação arqueológica de Manyikeni.

2.3. Historia da Investigação de Manyikeni

O amuralhado de Manyikeni ou “Manekweni” foi descoberto por um oficial do governo colonial português, Alberto Rocha, em 1955 que posteriormente mostrou-o ao antropólogo Santos Júnior no mesmo ano (fonte). A estação de Manyikeni foi descrita pela primeira vez por Lerenó Barradas, um membro da Comissão Colonial de Relíquias Históricas de Moçambique. Após a descrição, Barradas publicou algumas fotografias deste amuralhado como Zimbabwe de *Muabsa* e considerou as ruínas como sendo vestígios de um entreposto comercial com o Grande Zimbabwe, que foi construído pelos Portugueses (Macamo 2006:149; Macamo et al. s/d).

Após a Independência em 1975, vários trabalhos foram desenvolvidos com o apoio da UEM e do IBAO, com a participação de arqueólogos como Peter Garlake, Graeme Barker e João Morais. De referir ainda que, estes trabalhos foram alargados a partir de 1978, com vista a testar novas ideias relacionadas com a arqueologia comportamental, um método de pesquisa introduzido pelo arqueólogo Paul Sinclair da Universidade de Uppsala, Suécia (Adamowicz 2010; Macamo 2009b; Macamo & Ekblom 2005 citados por Atuia 2019).

Segundo Macamo (2009:3), o método da arqueologia comportamental foi usado no Grande Zimbabwe, com o propósito de estudar as aldeias dos camponeses, em Chivoa Hill (uma aldeia de agricultores) e em Montevideo Ranch (uma aldeia de pastores). E esta última fazia parte da Tradição Zimbabwe, mas sem qualquer construção de pedra (Sinclair 1987).

Ainda em 1976 a estação arqueológica de Manyiken foi visitada por Peter Garlake que, concluiu que o amuralhado de Manyikeni era da cultura Zimbabwe, pelo estilo arquitectónico, técnica de construção e cerâmica (Garlake 1976:25 citado por Muocha 2005).

Em relação à importância da cerâmica, para as interpretações arqueológicas, Huffman (1982: 134), afirma:

“na ausência de postos de comércio a longa distância ou mercados institucionalizados, a cerâmica é um meio válido de identificação de unidades étnicas da Idade do Ferro e para descrever seus movimentos”.

Com base nesta constatação, percebe-se, segundo Muocha (2005: 14), que os estudos efectuados na estação arqueológica de Manyikeni revelaram a tradição cultural, especialmente, a cultura material que permitiu concluir que o amuralhado de Manyikeni realmente pertencia à tradição do Grande Zimbabwe.

Ainda em 1976, foram efectuados outros estudos relacionados com os elementos inerentes à cronologia e às afinidades culturais. Foi identificada a olaria local e outros elementos que mostravam que a estação de Manyikeni foi habitada entre 1200-1400 AD, facto que leva a crer que há uma estreita semelhança com o Grande Zimbabwe e com outras estações deste complexo (Duarte 1988: 61; Macamo et al s/d).

Outros estudos efectuados em Manyikeni mostram a existência das Comunidades Tardias de Agricultores e Pastores utilizadores do ferro. É o exemplo dos três níveis de ocupação identificados nas áreas de escavação: os vestígios de lixeiras nas habitações comuns e onde vivia a elite, bem como a identificação de vestígios de fundição do ferro (Duarte 1988: 61).

De entre outros elementos identificados em Manyikeni constam produtos importados (missangas de vidro coloridas, porcelanas, louça vidrada e finas garrafas de vidro) e de manufactura local (enxadas, pregos, machados e uma quantidade considerável de olaria) (Sinclair 1987).

Todos os produtos encontrados em Manyikeni, assemelham-se aos centros regionais e ao próprio Grande Zimbabwe. Verifica-se também uma relativa concentração de bens de prestígio (instrumentos muitas vezes ligados ao poder real da África Central: as porcelanas, missangas, lâminas e vidro), reservados à classe dominante (Garlake 1976: 43 citado por Muocha 2005: 13).

A reconstituição da vida e ocupação espacial e social em Manyikeni, constitui uma das estratégias de diferenciação social entre os habitantes dentro do amuralhado e nas áreas comuns com habitações comuns. Aspectos estes que ajudam a compreender a complexidade, em Manyikeni.

2.4. O período de ocupação de Manyikeni

No decurso das investigações aprofundadas (prospecções e escavações) e colecta de evidências em Manyikeni, foi possível identificar três (3) níveis ou períodos de ocupação. O primeiro nível é referente à anterioridade da construção do amuralhado (cerca de 1200 AD); o segundo nível revela que a população já habitava o local depois da construção do amuralhado (cerca de 1250-1450 AD); e o terceiro nível refere-se à ocupação final e o seu abandono (cerca de 1700AD) (Macamo 2006: 153; Macamo et al s/d; Tabela 1).

Tabela 1. Períodos de ocupação de Manyikeni (Macamo 2006: 153).

Período de ocupação	Episódios
1200AD	período anterior à construção do amuralhado
1250 a 1540 AD	construção do grande amuralhado de pedra
1700AD	ocupação final e o seu abandono

Há ainda a referir que, a construção do amuralhado de Manyikeni data do II Milénio AD.

De acordo cm Sinclair (1987), entre os séculos XII e XVIII AD, Manyikeni constituía a sede de uma dinastia e entreposto comercial que controlava a Baía de Vilankulo e assegurava um rápido escoamento de mercadorias. Sugere-se que esta tenha sido a mais importante actividade realizada em Manyikeni. Sinclair (1987).

Sinclair (1987), relata que de entre os produtos importados constam as missangas coloridas feitas de vidro, a porcelana, a louça vidrada e finas garrafas de vidro. Foram também encontradas enxadas, pregos, machados e uma quantidade considerável de olaria (cerâmica), que se presume ser de fabrico local. Estes produtos, assemelhavam-se aos dos outros centros regionais e aos do próprio Grande Zimbabwe.

Verifica-se uma quantidade de bens de prestígio (instrumentos muitas vezes ligados ao poder real na África Central) reservados para a classe dominante (Tamele 2019: 31).

Há ainda a referir que estes objectos foram encontrados no interior do amuralhado. De entre outros objectos encontrados em Manyikeni, encontram-se as conchas marinhas que evidenciam contactos com a costa que dista a 50km de Manyekeni. Esta ligação, foi efectuada por meio de Chibuene, um entreposto comercial de I e I Milénios (Sinclair 1987; Eknlom 2004, Macamo 2009: 75).

A outra actividade secundária praticada em Manyikeni foi a troca de produtos agrícolas e artesanais, que eram feitas entre comunidades vizinhas e outras do interior, até o Vale do Limpopo

e além do mar através do Índico. Massingir pode ter sido umas das estações no interior e Chibuene, na Costa (Duarte 1988: 61).

2.5. Interpretação da Tradição Zimbabwe

Segundo Macamo (2003: 66), a Tradição Zimbabwe ou tradição de ruínas é um termo global que inclui diferentes entidades arqueológicas. A sua difusão geográfica, foi determinada através de trabalhos arqueológicos realizados em várias estações arqueológicas ao longo do planalto de Zimbabwe e no Sul de Moçambique. Macamo (2009), afirma que esta tradição tem origens em Leopard Kopje, uma cultura orientada para a criação de gado, que possivelmente é originária do Sul do rio Limpopo.

Pwiti (1997), acrescenta que o conceito de Tradição Zimbabwe também pode ser definido de acordo com um conjunto particular de atributos cerâmicos caracterizados pelos desenhos geométricos com cerâmica queimada ou grafitada e uma economia baseada no cultivo de cereais, como o milho e o sorgo.

De particular realce é a criação do gado e a participação no comércio a longa distância com a Costa da África Oriental, pelas comunidades desta tradição, segundo Macamo (2006). Manyiken era provavelmente um ponto de ligação entre a costa e o interior para esse comércio costeiro efectuado através de Chibuene, um entreposto comercial datado do I ao II milénio AD (Sinclair 1982).

Macamo (2006: 62 citado por Atuíá), afirma que o conceito da Tradição Zimbabwe é definido arqueologicamente de acordo com um conjunto específico de desenhos da cerâmica com figuras geométricas ou grafitadas, onde o gargalo é maior que o bojo e pelas suas enormes estruturas de pedras.

A designação “Grande Zimbabwe” foi dada após a independência do Zimbabwe, de modo a evitar a confusão com o nome do país (Macamo 2006: 62).

Para a melhor percepção do tema em estudo, o capítulo seguinte apresenta as características físico-geográficas de Manyiken assim como a sua arquitectura.

CAPITULO III.

3.1. DESCRIÇÃO DE MANYIKENI

O presente capítulo contextualiza Manyikeni quanto à sua geografia física, abarcando ainda os aspectos arquitectónicos da própria estação, para a interpretação de alguns aspectos acerca da dualidade das construções presentes na estação.

3.2. O CONTEXTO FÍSICO-GEOGRÁFICO DO AMURALHADO DE MANYIKENI, DISTRITO DE VILANKULO, NA PROVÍNCIA DE INHAMBANE

3.2.1. Apresentação da Província de Inhambane

A província de Inhambane localiza-se na região Sul de Moçambique, tendo como limites a norte, as províncias de Sofala e Manica, a Leste e Sudoeste, o Oceano Índico e a Sul e Oeste a Província de Gaza. A sua capital é a cidade de Inhambane, situada a cerca de 500km a norte da cidade de Maputo (MAE 2005: 03-04).

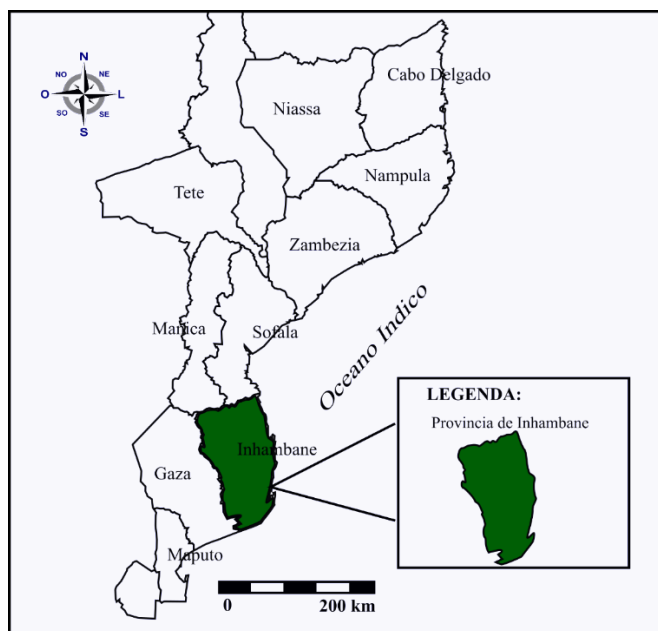


Figura 1: Mapa da localização da Província de Inhambane

3.2.2. Localização de Manyikeni

O amuralhado de Manyikeni localiza-se a Norte da Província de Inhambane, no Distrito de Vilankulo, no Sul de Moçambique. Dista a 50 km da Costa do Oceano Índico e a 133 km do Rio

Save, com as seguintes coordenadas geográficas: Lat. 22° 11' 05" S, Long. 34° 50' 42" E (Garlake 1976: 25).

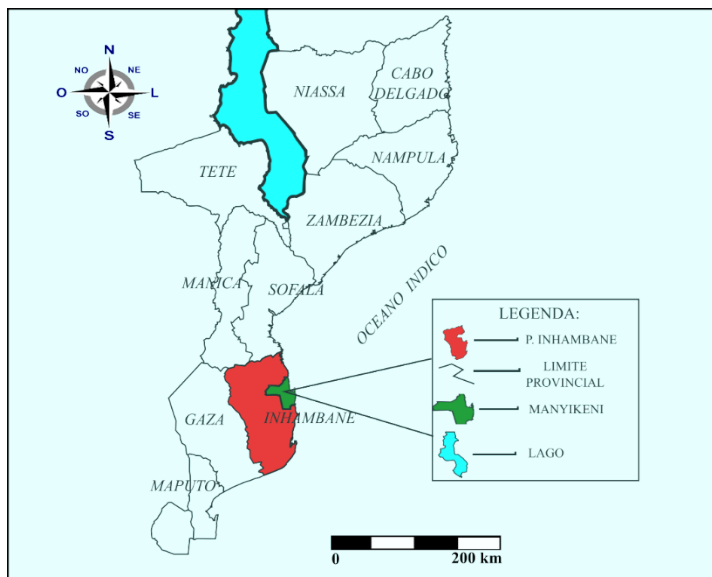


Figura 2: Localização da estação arqueológica de Manyikeni

3.2.3. Clima

O distrito de Vilankulo é dominado por zonas tropicais secas no interior, sendo húmidas à medida que se caminha para a costa. A zona litoral, apresenta solos irregulares, permeáveis e favoráveis para a agricultura e pecuária, com cerca de 18°C a 33°C de temperatura em média (MAE 2005: 04).

A precipitação média anual nas épocas chuvosas (Outubro e Março) é de 1500mm, com maior incidência nos meses de Fevereiro e Março, em que chegam a ocorrer inundações. No interior, os solos são geralmente fracos-arenosos e areno-argilosos, propícios para a produção de artefactos cerâmicos e a sua precipitação média anual varia de 1000mm a 1200mm, com temperaturas elevadas que provocam deficiência de água (MAE 2005: 04).

3.2.4. Vegetação

A paisagem de Manyikeni compreende uma vegetação de savana-floresta e savana-pastagem, com uma vasta concentração de árvores de *Adansónia digitata* (embondeiros) perto do local (Sinclair 1987:91; Macamo 2011:3)).

Segundo Macamo, em Manyikeni existe uma paisagem construída denominada *Chenchrus Ciliares* que foi introduzida com o gado do Zimbabwe ou Botswana onde a erva é comum (capítulo 3).



Figura 3; Figura 4: Paisagem construída de Manyikeni (*Cenchrus Ciliares*).

3.2.5. Descrição de Manyikeni: Arquitectura do amuralhado

Manyikeni é um amuralhado feito de pedras, especificamente o calcário, de plano elíptico com cerca de 50x65 m de comprimento. Nas primeiras medições deste amuralhado, avaliava-se com cerca de 1.50m de altura e 1.50m de espessura (Macamo 2006: 152; Macamo et al. s/d).



Figura 5 e Figura 6: Amuralhado de Manyikeni (Fotos: Amós Caliate 2017).

Dentro do amuralhado vivia a elite dirigente em casas de *dhaka*, como se disse, argila dura, com funções de maticar ou barrar paredes de certas construções em Moçambique. Na zona circundante, viviam os camponeses também em casas de *dhaka*, mas sem muralhas a envolvê-las. O amuralhado apresenta três (3) entradas, uma das quais redonda. Tem seis (6) divisórias internas ou muralhas radiais (Macamo 2006: 152). Estas características inserem Manyikeni dentro do Complexo da Tradição Zimbabwe (Sinclair 1987: 91), conforme referido anteriormente (Capítulo 3).

De acordo com Macamo et al s/d, estima-se que o número de casas varia de 100-140 e em média com cerca de 150 a 200 pessoas habitando Manyikeni. Estudos comprovam que, a população de Manyikeni teria vivido no local antes da construção do amuralhado, cerca de 1200 e durante a sua construção até 1450 AD, posterior ao seu abandono no período de 1700 AD. Aponta-se como principal causa do abandono de Manyikeni a penetração do capital mercantil Português desde o século XVI AD (Macamo 2009: 71).

Segundo Sinclair (1987) e Macamo (2006), dependendo das épocas ou períodos históricos assim como dos aspectos arqueológicos, as habitações e os amuralhados sempre apresentaram estilos que criavam distinções entre as classes sociais: a maioria que habitava em Manyikeni vivia ao redor da muralha e a minoria, no seu interior. Esta forma de construção designa o tipo Zimbabwe, como no Grande Zimbabwe em outras regiões da África Austral.

O amuralhado de Manyikeni é menor que o amuralhado do Grande Zimbabwe e o material usado (calcário) para a sua construção é diferente das outras construções. Este facto ocorre devido à abundância do material ao longo da região (Garlake 1976: 25; Macamo 2006).

Contudo o granito era o material de construção mais maleável e mais usado para a construção deste tipo de estruturas, enquanto que o calcário, usado em Manyikeni era difícil de se moldar para a produção de blocos regulares de construção. Como resultado, o uso de calcário foi parcialmente responsável pelas pedras mais pequenas características da sua malha, facto que dificultou com que fossem feitas as camadas de pedra, de modo a permitir a leitura das classes do amuralhado (Macamo 2006 citado por Tamele 2019: 23).

3.3. Interpretação: o amuralhado e as construções de dhaka

Como foi dito anteriormente, a Tradição Zimbabwe é definida por dois factores ou critérios, nomeadamente o critério Geográfico e o critério Arquitectónico (Tabela 2)

Os estudos arqueológicos e históricos realizados no principalmente no Grande Zimbabwe foram particularmente importantes devido à vasta análise da arquitectura, sua tipologia e a datação e presume-se que tenha sido este tipo de construção que possibilitou o estudo da evolução das técnicas arquitectónicas de construção dos amuralhados, desde a P, Q, PQ e R (Macamo 2020 citando Hall 1988). Contudo, neste trabalho, está fora de questão a análise destas classes de amuralhados, dado que em Manyikeni são inexistentes (Macamo 2006).

Entretanto, durante as suas análises documentais em locais com os amuralhados da Tradição Zimbabwe, Garlake (1970), identificou e examinou os estilos arquitectónicos através de

agrupamentos temporais ou regionais significativos, que os interpretou em termos de desenvolvimento cultural e significado histórico.

No âmbito destas análises, Garlake identificou cinco (5) categorias analíticas das características arquitectónicas dos recintos de pedra, nomeadamente:

1. Função da pedra;
2. Forma;
3. Técnica de construção;
4. Formas das entradas; e
5. O tipo de decoração que aparece nas pedras.

Deste modo, Garlake concluiu que os estilos das construções arquitectónicas coincidem com os dois grandes períodos cronológicos e culturais, nomeadamente: o período Zimbabwe, datado de 1270-1550 e o período Khami, datado de 1400-1830 (Garlake 1970, Pikirayi 2013). Contudo, esta cronologia foi revista por Chirikure et al. (2014). Segundo estes autores, a cultura Zimbabwe é uma das culturas mais notáveis nos últimos 2.000 anos na África SubSahariana. A evolução desta cultura complexa com as suas práticas de construção com pedras sem argamassa cristalizam uma ideologia de distinção de classe e de liderança.

Baseados nas investigações recentes em Mapela Hill, eles sugerem que Mapungubwe não pode mais ser considerado o berço da cultura Zimbabwe. Esta nova abordagem sobre a cronologia da Tradição Zimbabwe, indica que Mapela Hill foi ocupado de 1050 e 1400 AD, sendo que esta estação é a mais antiga que Mapungubwe do que se pensava até aqui.

A partir das investigações de Chipunza em 1993 e 1997, emergiu uma visão evolucionista relacionada com a arquitectura da Tradição Zimbabwe, isto é, as construções do Complexo Hill (*Hill Complex*), no Grande Zimbabwe (Ngoro 1997:96).

Com base na estrutura de *Harris Matrix* (ferramenta usada para descrever a sugestão temporária de contextos arqueológicos), tanto Whitty como Pikirayi, concordaram que esta estrutura não tinha sido construída de acordo com qualquer plano preconcebido, mas que evoluiu ao longo do tempo. Além disso, eles observaram que a técnica de construção em plataforma resultou do desenvolvimento tardio da Tradição Zimbabwe (Pikirayi 2013: 287), como se observa no Songo (Macamo 2006 citada por Maculube 2019).

Segundo Macamo (2006: 67), a outra parte das construções típicas do Zimbabwe, que constituem asmoradias localizadas dentro e fora do amuralhado, englobam o material de construção (*dhaka*). A *dhaka* tem atraído muita atenção de arqueólogos, historiadores e arquitectos que estudam esta técnica de construção.

As construções de dhaka não apresentam nenhuma sequência evolutiva significativa, isto é, os estudos revelam que continuam estáticas e ainda são usados os mesmos materiais precários e locais: a estaca e a palha.

É fundamental observar que, o desenvolvimento das sequências cronológicas da construção em pedra bem como em *dhaka*, possibilitam a compreensão das sociedades outrora no Grande Zimbabwe e a sua expansão para outras regiões do planalto do Zimbabwe e em Moçambique.

Tabela 2. Resumo dos critérios geográficos e arquitectónicos da Tradição Zimbabwe

Critérios	Factores de definição e particularidades
Geográfico	<ul style="list-style-type: none"> - É definido de acordo com a localização, distribuição e extensão nas regiões onde foram encontrados recintos de pedra com características desta tradição (Macamo 2006: 66); - Existem mais de 800 estações arqueológicas, desde o Leste do Botswana, África do Sul e Angola e a República do Zimbabwe (Atuía 2009 citando Macamo 2006; Pikirayi 2013); - A localização dos <i>madzimbabwe</i> está perto dos rios e a sua base de economia é a criação do gado e a existência de rochas para a sua construção, sobretudo o granito (Macamo 2006: 66).
Arquitectura	<ul style="list-style-type: none"> - Inclui dois tipos de construção: o próprio recinto de pedra e as casas de habitação (de forma circular ou redonda) (Ndoro 1997; Macamo 2006 citados por Atuía 2019); - É definido por apresentar múltiplos recintos de pedra seca sem argamassa a uni-las (Ndoro 1997; Macamo 2006); - Apresenta uma decoração com recurso ao padrão de espinha de peixe ou com uma camada forrada de pedra escura, de forma elíptica (Macamo 2006; Pikirayi 2013); - O estilo de espinha de peixe é o mesmo usado na decoração da cerâmica (Macamo 2006; Pikirayi 2013); - As casas de habitação geralmente são feitas de palha, <i>dhaka</i> (barro duro; matope) e estaca (Ndoro 1997; Macamo 2006); - As casas de <i>dhaka</i> indicam que inicialmente podiam ter cerca de 18 polegadas de espessura e pavimentadas ao seu redor. Apresentavam também degraus elevados e declives cuidadosamente arrumados para levar a água da chuva para os drenos através das paredes (Garlake

1973 citado por Macamo 2006: 68).

Estes critérios com uma variante podem ser aplicados em todas as construções do tipo Zimbabwe, ilustrando a sua dualidade, como em Manyikeni. O próximo capítulo particulariza as casas de habitação de dhaka.

CAPITULO IV

4.1. OBSERVAÇÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE PALHOTAS OU CASAS DE DHAKA NA PROVÍNCIA DE INHAMBANE

O presente capítulo debruça-se sobre as formas de construção das palhotas, ou casas de dhaka, na província de Inhambane, com base nas observações etnográficas.

4.2. A casa circular com cobertura cónica/ palhotas

A maior parte das habitações ou assentamentos da África Austral até meados do século XX, eram caracterizadas pela presença de plantas circulares.

Segundo Bruschi (2005: 45) citado por Ribeiro (2015), o primeiro tipo de casa deste grupo é o tipo *Kraal*, utilizado desde o século VII AD que se baseava na importância da criação do gado para os antigos povos falantes de línguas Bantu. Na zona que correspondia a actual Moçambique, os edifícios deste tipo de casas eram cilíndricos com um diâmetro maior que a altura, com a cobertura cónica.

O centro era ocupado pelo recinto do gado e na zona oposta à entrada, situava-se o edifício destinado a pessoa mais importantes da família, com o chefe e a sua primeira esposa e dos lados a hierarquia familiar. Os edifícios destinados aos restantes membros circundavam a grande estrutura de pedra, responsáveis pela manutenção da elite através da produção, cultivo e domesticação dos animais.

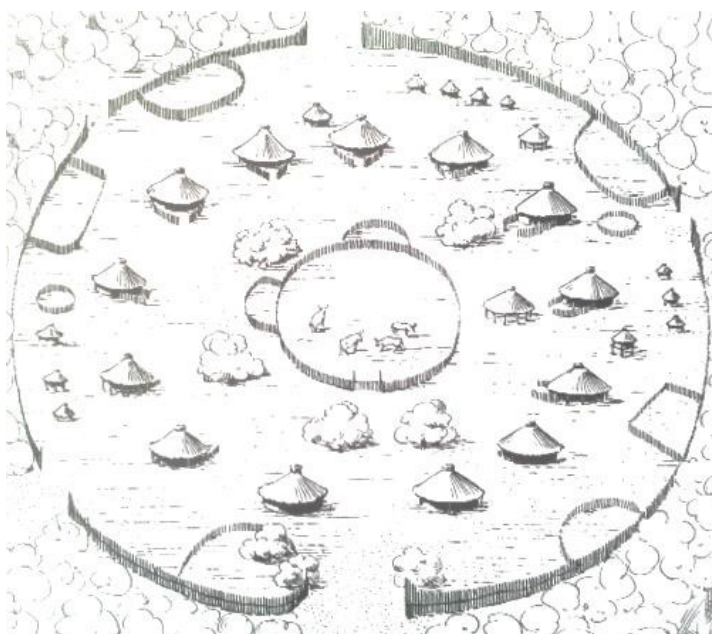


Figura 7: A povoação do Sul de Moçambique no século XX (Ribeiro 2015:37).

É possível que em Manyikení tenha havido edifícios de construção local (palhotas) dentro do amuralhado para a iniciação de raparigas e rapazes, separados por género). Quando as famílias passaram a não ter gado próprio (pelo benefício da elite), passaram a fazer o mesmo tipo de casas nos arredores do lugar central (onde residia a elite), típicas da cultura *Thonga*, uma cultura do Sul de Moçambique do início do século XX (Ribeiro 2015:37).

4.2.1. Palhotas

Segundo Ribeiro (2015: 37), palhotas são moradias feitas de palha, que usualmente são construídas no campo. Actualmente, muitos não usam este tipo de moradias, isto é, em África em especial em Moçambique estas casas estão a ficar cada vez mais ultrapassadas sendo que, estão sendo substituídas por casas feitas de tijolos queimados e cimento.

Há ainda que referir que, as casas de argila ou *dhaka* são construções usualmente encontradas nas zonas do interior (campo) em pequenas povoações, mas o seu uso está cada vez mais deixado de lado. O seu estudo aqui, é importante, para a reconstituição da arquitectura das casas de *dhaka* cujos vestígios foram encontrados em Manyikení.

A população africana adapta novas formas de construção onde a argila não é mais deixada crua após maticada, passando a queima-la e formando pequenos tijolos rectangulares para a construção destas casas. Estas casas bem como as casas feitas da *dhaka* bruta, variam da forma sendo que podem ser encontradas na forma quadrada, circular até mesmo rectangulares, mas a forma mais conhecida é a circular.

As casas de *dhaka* variam na forma inicial da sua construção, ou seja, quanto mais for a profundidade para enterrar ou enfiar a estaca, melhor é a durabilidade das casas passando a levar mais tempo em condições favoráveis de mais de 2 anos de sua existência. O material de cobertura pode ser repostado dependendo do tempo em que se for desgastando. Actualmente a palha está em evolução, sendo que esta é substituída pela chapa de zinco ou mesmo a cal (Nguirazi 2009)

4.2.2. Material usado para a construção das casas de *Dhaka*

De entre os materiais usados para a construção da palhota destacam-se os seguintes:

a) Estacas

São usualmente da cor vermelha encontradas nos mangais;

b) Laca-laca

É possivelmente achada nos mangais ou em coqueiros comuns;

c) Palha/linhas de tambeiras

É usada para atar as laca-lacas e as estacas no processo da construção da palhota durante a cobertura e construção das paredes das casas.

d) Capim

Geralmente encontrado à beira da estrada, rios ou mares, dependendo do construtor.

e) Argila

Pode ser encontrado nos rios, na berma das estradas, subsolo (mais usada) bem como em charcos formados pela água das chuvas.

f) Arreia

Esta pode ser encontrada em qualquer lugar no quintal, mas a mais prática é a arreia da praia ou dos rios.

g) Água

É captada nos rios e poços de água

h) Capim

Planta verde e escorregadia usada para misturar com a areia e argila para nivelar a palhota.

4.2.3. Delimitação da casa

Para a demarcação do diâmetro onde deve estar a palhota, os construtores fazem as suas medições através de pequenos paus nas laterais do círculo traçado. Depois da medição, abrem as covas ao longo do círculo e da demarcação. Geralmente as covas são feitas para delimitar o espaço interno da casa.

São retirados os pequenos paus e são abertas covas fundações também ao longo da circunferência, usando uma catana ou um pau bem afiado e pontiagudo.

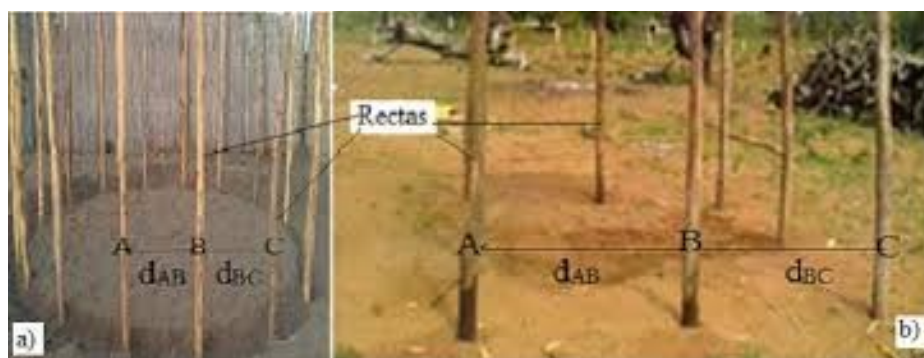


Figura 8 e Figura 9: Processo de abertura da cova para enterrar as estacas ().

4.2.4. Estrutura da palhota

A palhota pode apresentar várias formas ou formas estruturais do agrado do construtor. Assim sendo, o esqueleto da casa é feito de forma gradual, consoante o tamanho desejado, partindo da base da casa, o corpo que que é a parede e por fim o tecto. Por sua vez, o tecto é primeiramente produzido em baixo e posteriormente içado para o topo da estrutura que já apresenta o seu suporte através de uma estaca grossa no centro do recinto.



Figura 10, Figura 11 e Figura 12: esqueleto produzido de uma palhota.

4.2.5. Forma de construção

Quando a delimitação do espaço onde será erguida a casa estiver pronto, o esqueleto é revestido. Para tal é necessário que os passos para a sua construção sejam impecáveis de modo que ela seja bem fixa e duradoura.

Segundo Markeys Cossa (comunicação pessoal 2020) “o material para a construção da palhota é maioritariamente adquirido nos mangais, isto é, a estaca vermelha, a palha. O capim por sua vez é retirado em machambas de produção de arroz ou na berma das estradas. A argila usada pode ser do mar ou pode ser retirada do subsolo podendo ser da cor vermelha ou preta para a decoração, e a castanha. Uma a uma, é colocada a laca-laca sobre o tecto ao mesmo tempo que

as finas estacas dos mangais. A palha aqui referida é produto das estacas onde são retiradas as fibras da estaca para atar e unir a laca-laca e as estacas”.

Depois de unidas, as estacas e a laca-laca, segue-se a fase da cobertura. “O processo de união é feito de cima do tecto para baixo de forma circular enquanto que no processo de revestimento do tecto com o capim, é feito de baixo para cima, ou seja, processo de escadaria até formar um cone perfeito”.



Figura 13 e Figura 14: revestimento da casa de *dhaka*. Figura 14. -Colheita de caniço, para a construção das paredes da casa de *dhaka*

Ainda de acordo com Cossa “ao maticar as paredes da casa, é importante que no início deste processo, a argila esteja na forma bruta e muito deslizante, sem qualquer ornamentação. No dia seguinte, segue-se a segunda camada de *dhaka* onde esta deve estar misturada com a areia da praia ou qualquer outro tipo de areia e o *Sesua* (*Iboza* ou *Convolvulus althaeoides*-com líquido escorregadio), que vai facilitar no alisamento (com a mão) da parede de modo que ela fique macia e resistente”.



Figura 15 e Figura 16: Processo de maticar a casa com argila preta

A fase final da construção da *Nyumba ya Mauchua*, designação da palhota em língua Ndau ou Ndumba (em língua Xitsua), é importante referir que a separação do género não é consideravelmente reflectida. Os homens, as mulheres, as crianças até mesmo os idosos são fazedores desta habitação, mas há sempre uma pequena divisão de trabalho onde, os homens prestam mais atenção na construção do esqueleto da casa e as mulheres e as crianças fazem o trabalho final que é o revestimento com a argila.



Figura 17: Produto final da casa de *dhaka* de forma circular

4.2.6. Diferenciação social e complexidade em Manyikeni: discussão

Manyikeni é uma estação arqueológica que testemunha a ocupação das Comunidades Tardias de Agricultores e Pastores do segundo Milénio AD, dos povos falantes da língua Bantu na região da África Austral, entre os séculos XII-XVII (SARQ 1977-03).

Segundo Macamo (2009:34) citada por Tamele (2019: 26), é importante lembrar que as comunidades tardias de agricultores e pastores foram caracterizadas por se situarem, no geral, no cimo dos montes e algumas destas comunidades tem amuralhados, havendo um modelo distinto de cercado de gado no centro com as habitações à volta, formando um anel ou arco vedado. Para além da criação do gado como é visto, estas comunidades eram responsáveis pela manufactura de cerâmica e ferro e o cultivo de plantas. Mediadores

Ainda assim, em Manyikeni a base da sua organização espacial observada no nível intra-estações e, mediante as evidências da cerâmica encontrada em Manyikeni, foi possível distinguir dois padrões de ocupações: a primeira é alusiva à elite, residindo dentro do amuralhado; e a segunda é referente aos camponeses pela disposição das casas de forma circular, sendo a parte da estação com maior densidade de ocupação (Sinclair 1987: 94).

Para Garlake (1976:43) e Sinclair (1987:94) este padrão de ocupação obedece a questões temporais e espaciais. As pesquisas permitiram que se avaliasse a quantidade de casas (por um total de 100-131 casas) e a população (por um total de 150-200 pessoas). No que se refere ao material de fabrico, as pedras estavam reservadas para a elite, como manifestações do seu prestígio e autoridade (poder).

Como se pode notar, Manyikeni patenteia à uma povoação Bantu, onde a população vivia em pequenas aldeias dentro de palhotas feitas de material local a volta do amuralhado e os chefes por sua vez, viviam dentro do amuralhado também dentro de palhotas com fabrico de material local. As constatações de Sinclair apresentam evidências de que Manyikeni obedeceu à distribuição social e espacial, caracterizando-se, primeiro pela fonte de sustento que dependia dos camponeses, com base em análises osteológicas dentro do amuralhado onde residia a elite. Assim sendo e possível que a população se alimentava na sua maior parte de vegetais e cereais.



Figura 18: Reconstituição do amuralhado de Manyikeni (fonte: Sinclair 1987: 113).



Figura 19: faixas irregulares de pedras na estação arqueológica de Manyikeni (foto: pela autora).



Figura 20: faixas irregulares de pedras na estação arqueológica de Manyikeni (foto: pela autora).

Neste contexto nota-se a introdução da cerâmica em Manyikeni. Esta revela que Manyikeni terá sido um centro regional do Grande Zimbábue devido aos motivos de decoração baseados na geometria, queimadura ou grafitação (Sinclair 1987: 91 citado por Atuíia 2019: 25).

Para além da cerâmica, foram encontrados elementos ou evidências cuja semelhança com o Grande Zimbabwe e outras estações similares, vão desde os colares de missangas e ouro, gongo metálico, bem como outros objectos de adorno dentro do amuralhado (Sinclair 1987: 91 citado por Atuia 2019: 25).

No interior da residência do chefe, foi achado um pote cerâmico (pote funerário) junto de um defunto acororado dentro do mesmo, o que simboliza práticas de enterramento secundário na região (Macamo 2006).

A cerâmica de Manyikeni é bastante importante visto que, as técnicas de decoração consistem em imprecações de pente, conchas de peixe, assim como as linhas de incisões, técnicas que foram observadas em um dos potes encontrado dentro do amuralhado (Sinclair 1987).

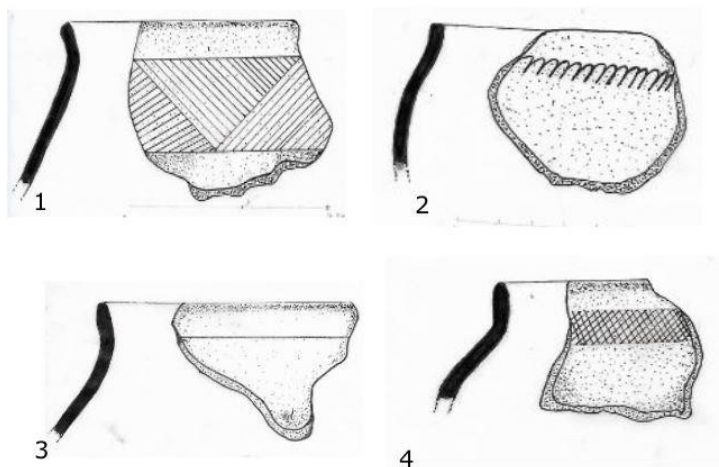


Figura 21: cerâmica de Manyikeni

Em adição à alimentação, quando correlacionada a dieta alimentar de Manyikeni com outros estados vizinhos da Tradição Zimbabwe, observa-se que Manyikeni praticava bastante a recollecção de ervas e frutos silvestres que contribuíram significativamente na dieta alimentar dos camponeses. Os achados arqueológicos indicam ainda que o gado domesticado tinha importância para a elite (Sinclair 1987; Garlake 1976; Macamo 2006).

Não só o gado fazia parte da dieta da elite e dos camponeses como também cereais como o Sorgo (mapira) e Paiço (mexoeira). A população de Manyikeni apanhava o peixe em regiões de água doce e caçava animais de pequeno porte (Sinclair 1987; Garlake 1976; Macamo 2006).

Embora o sistema hierárquico tenha as suas origens antes do II milénio AD, em Manyikeni as suas dimensões eram específicas e baseadas no percurso histórico e cultural. Ainda em

Manyikeni, nota-se que a estratificação social teve suas distinções e manifestações desde a sua ocupação em relação a outras estações do mesmo complexo.

Nota-se o processo de divisão de espaços bem da alimentação apesar de que, não havia um certo tipo específico de alimentação para a elite, pois, tanto os camponeses como a elite alimentavam-se de mesmos excedentes. Há ainda que considerar que a natureza da diferenciação social se manifesta ainda pelo género: indivíduos e grupos sociais que ocupam diferentes posições sociais.

Em Manyikeni, a diferenciação social é de grande importância na medida em que tem fundamentos na arqueologia comportamental em relação aos vestígios faunísticos, habitação e de comércio. Este conhecimento foi baseado na utilização do método espacial para a verificação do material arqueológico dentro da mesma unidade territorial (Morais e Sinclair 1980, Sinclair 1987, Macamo e Ekblom 2005).

Numa abordagem arqueológica, a génese da diferenciação social em Moçambique pode ter iniciado na primeira metade do II milénio AD. As comunidades que produziram mais eram ricas em relação às que produziam menos o que mais tarde veio a culminar com a acumulação de riqueza e o surgimento da diferenciação social.

Macamo (2009) afirma ainda que as actividades económicas foram evidenciadas pela prática da caça e da recollecção bem como a criação do gado bovino e ovino, que deve ter constituído uma das actividades mais importantes em Manyikeni.

Esta discussão permite que se façam as considerações finais que se seguem.

Considerações finais

Manyikeni é uma das estações na região Sul de Moçambique bastante estudada por arqueólogos como Garlake (1976) Barker (1978), Morais & Sinclair (1980) e Macamo (2006), principalmente através da cerâmica, do seu amuralhado e do seu contexto geográfico.

O estudo que agora termina procurou compreender até que ponto a dualidade das construções de Manyikeni, envolvendo o amuralhado e também as habitações de dhaka provam a diferenciação social e a complexidade. Através da cultura material etnográfica com base na reconstituição das palhotas actuais em Inhambane, foi possível identificar os principais mediadores desta diferenciação social. É através das habitações existentes em Manyikeni que se pode afirmar que não é apenas a exposição das casas que marca a diferenciação social como também o nível de estruturação e manufactura das casas ao redor do amuralhado. É também viável afirmar que esta questão não pode ser vista apenas sob uma única perspectiva que consiste na construção do amuralhado, senão a combinação das técnicas de construção local e as técnicas de construção introduzidas (muralhas de pedra). Este facto evidencia a complexidade observada nesta dualidade de construções em Manyikeni, que é característica da Tradição Zimbabwe, no geral.

Para além deste facto, evidencia-se que a elite dispunha de um nível de consumo de excedentes muito melhorado (consumo de carne bovina) enquanto que os camponeses eram os consumidores activos da carne de caça, além das plantas recolhidas localmente, segundo vestígios colectados em Manyikeni e estudos botânicos (Berger 2004).

Até agora pouco se sabe sobre a estruturação das casas de habitação de dhaka. Este estudo teve a intenção de contribuir com dados etnográficos para o melhor entendimento destas estruturas de habitação de dhaka e como elas se integraram num sistema de diferenciação social e da complexidade, a par do amuralhado, num sistema de dualidade. Esta complexidade, possivelmente, terá caracterizado as origens urbanas e a formação do Lugar Central em Manyikeni. A habitação de dhaka em si encerra a dualidade: era usada tanto pelos camponeses como pela elite. Foi também um elemento de diferenciação social, o que gerou a complexidade das relações sociais, em Manyikeni. Contudo este tipo de análise pode ser integrada nas futuras pesquisas através de mais leituras etnoarqueológicas para melhor perceber o nível de urbanização em Manyikeni.

Referências Bibliográficas

- Atuía, H. S. 2019. *A coleção de Cerâmica de Peter Garlake de Manyikení no Laboratório Nr 8 do DAA/UEM: Interpretação da Tradição Zimbabwe e da Heterogeneidade*. DAA/UEM.
- Bannerman, J. 2012. Serra Zembe, Gondola District, Mozambique: Zimbabwe Sites of the Rules of Tewe-History, Location, Linkages with Contemporary Traditional Leaders. *Journal of the Prehistory Society of Zimbabwe*. 08-17.
- Domingues, A. 2007. *Qualificação das periferias*. Inforgeo. 139-143.
- Duarte, T.R. 1988: “Arqueologia da Idade do Ferro em Moçambique (1974 a 1988): Retrospectiva do trabalho realizado”. *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia n°5*: 57-72
- Ernesto, K.M. 2019. *O lugar Central em Manyikení: Leitura sobre o amuralhado e a periferia*. UEM/DAA.
- Garlake, P.S. 1970. “Rhodesian ruins: a preliminary assessment of their styles and chronology.” *Journal of African History* 2: 495-513.
- Garlake, P.S. 1976. “An Investigation of Manekwene, Mozambique: *Archaeology África*”. *Azania* 11, 25-48.
- Huffman, N.T. 2000. “Mapungubwe and the Origins of the Zimbabwe Culture”. *JSTOR*. (8): 14-29.
- Huffman, N.T. 1982. “Archaeology and Ethnohistory of the African Iron Age”. *Annual Review of Anthropology*. (11). 133-150.
- Ernesto, K.M. 2019. *O Lugar Central em Manyikení: Leitura sobre o amuralhado e a periferia*. DAA/UEM.
- Silva, F. F. 2012. “Centralidade e impactos regionais de política monetária: um estudo dos casos brasileiro e espanhol”. (BeloHorizonte): UFMG.
- Tamele, C. J. 2019. *Níveis de Diferenciação social em Manyikení, nos meados do II milênio AD*. DAA/UEM.
- Lemos, M.R. 2012. “Estratificação Social na Teoria de Max Weber: Considerações em torno do tema”. *Revista Iluminart*. (9): 113-127.

Macamo, S. 2006. “Privileged Places in South Central Mozambique: The Archaeology of Manyikeni, Niamara, Songo and Degue-Mufa”. Maputo: Department of Archaeology and Anthropology, Eduardo Mondlane University. Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala University.

Macamo, S. (2009). “Manual de Pré-História”. Dissertação de Mestrado. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane/Departamento de História.

Ministério da Administração Estatal (2005). Perfil Distrital de Vilankulo. Maputo: Edição

Morais, J. (1989). “O princípio e o presente: arqueologia na redescoberta do passado em Moçambique”. *Revista ICALP (18)*: 74-92.

Markeys Cossa. 2020. Forma de construçao de palhotas. Comunicacacao pessoal.

Moucha, M. M. 2005. “O uso das placas para a identificação e interpretação do património arqueológico: estudo de caso das estacoes arqueológicas do Distrito de Vilankulo, 1994-2004” Tese de Licenciatura. Maputo/FLCS/Departamento de História.

Ndoro, W. & Pwiti, G. 1997. “Marketing the past: The Shona village at Great Zimbabwe”. *Conservation and management of archaeological sites. (2)*: 3-8

Pikirayi, I. 2013. “Stone architecture and the development of power in the Zimbabwe tradition AD 1270 – 1830”. *Azania: Archaeological Research in Africa. 48 (2)*: 282- 300,

Pwiti, G. 1990. The Great Zimbabwe Tradicion in northern Zimbabwe: the Mutapa state, in urban origins Easter Africa.

Ribeiro, M. 2015. “O Contributo da Arquitectura Tradicional para uma Habitacao “Informal” Sustentavel em Mocambique”. ISCTE-IUL/Depertamento de Arquitectura e Urbanismo.